

ELSINORE

# SAMANTA SCHWEBLIN

«Um implacável mecanismo de relojoaria narrativa capaz de arrebatat a respiração ao leitor.»  
*El Mundo*



# PÁSSAROS NA BOCA

# ÍNDICE

**9**

Irman

–

**17**

Mulheres desesperadas

–

**27**

Na estepe

–

**35**

Pássaros na boca

–

**45**

A perder velocidade

–

**47**

Cabeças contra o asfalto

–

**57**

Para a alegre civilização

–

**71**

O cavador

–

**77**

A fúria das pestes

–

**81**

Sonho de revolução

–

**85**

Matar um cão

–

**91**

A medida das coisas

–

**97**

A verdade acerca do futuro

–

**105**

A pesada mala de Benavides

–

**127**

Conservas

–

**135**

O meu irmão Walter

–

**139**

O Pai Natal dorme em casa

–

**145**

Debaixo da terra

–

## IRMAN

Oliver guiava. Eu tinha tanta sede que começava a sentir-me enjoado. A pousada que encontrámos estava vazia. Tinha um bar amplo, como tudo no campo, com as mesas cheias de migalhas e garrafas, como se um batalhão tivesse almoçado instantes antes e ainda não tivessem tido tempo para limpar. Escolhemos um lugar ao pé da janela. Em cima do balcão havia uma ventoinha de pé da qual não chegavam notícias. Precisava urgentemente de beber qualquer coisa. Oliver tirou uma ementa de outra mesa e leu em voz alta as opções que lhe pareciam interessantes. Um homem apareceu por trás da cortina de plástico. Era muito pequeno. Tinha um avental atado à cintura e do braço pendia-lhe um pano grosseiro escuro de sujidade. Embora parecesse o empregado, tinha um ar desorientado, como se alguém o tivesse posto ali repentinamente e ele agora não soubesse muito bem o que devia fazer. Caminhou até nós. Cumprimentámo-lo; ele apenas assentiu. Oliver pediu as bebidas e disse uma piada sobre o calor mas não conseguiu que o tipo abrisse a boca. Tive a sensação de que se escolhêssemos qualquer coisa simples lhe faríamos um favor, pelo que lhe perguntei se havia algum prato do dia, alguma coisa fresca e rápida, e ele disse que sim e retirou-se, como se alguma coisa fresca e rápida fosse uma opção da ementa e não fosse preciso dizer mais nada. Regressou à cozinha e vimos a cabeça dele aparecer e desaparecer nas janelas que davam para o balcão. Olhei para Oliver, sorria; eu tinha demasiada sede para rir. Passou um bocado, muito mais tempo do que leva a escolher duas garrafas frias de qualquer coisa e trazê-las para a mesa, e por fim o homem apareceu outra vez. Não trazia nada, nem um copo. Senti-me pessimamente; pensei que se não bebesse alguma coisa imediatamente enlouqueceria, e o que é que se passava

com aquele tipo? Qual era a dúvida? Parou ao pé da mesa. Tinha gotas na testa e auréolas na camisa, debaixo das axilas. Fez um gesto com a mão, confuso, como se fosse dar alguma explicação, mas interrompeu-se. Perguntei-lhe o que é que se passava, suponho que num tom um pouco violento. Então virou-se para a cozinha e depois, esquivo, disse:

— É que eu não chego ao frigorífico.

Olhei para Oliver. Oliver não conseguiu conter o riso e isso pôs-me de pior humor.

— Como assim, não chega ao frigorífico? E como é que atende as pessoas, olha que merda?

— É que... — limpou a testa com o trapo. O tipo era um desastre — ... quem tira as coisas do frigorífico é a minha mulher.

— E? — Tive vontade de lhe bater.

— Está no chão. Caiu e está...

— Está no chão como? — interrompeu-o Oliver.

— E... não sei. Não sei — repetiu levantando os ombros, as palmas das mãos para cima.

— Onde está? — disse Oliver.

O tipo apontou para a cozinha. Eu só queria qualquer coisa fresca e ver Oliver levantar-se acabou com todas as minhas esperanças.

— Onde? — voltou a perguntar Oliver.

O tipo apontou outra vez para a cozinha e Oliver afastou-se nessa direção, virando-se uma ou duas vezes para nós, como se desconfiasse. Foi estranho quando desapareceu por trás da cortina e me deixou sozinho, frente a frente com semelhante imbecil.

Tive de o contornar para poder passar quando Oliver, da cozinha, me chamou. Andei devagar porque previ que alguma coisa se estaria a passar. Corri a cortina e espreitei. A cozinha era pequena e estava repleta de caçarolas, frigideiras, pratos e coisas empilhadas em prateleiras ou penduradas. Estendida no chão, a alguns metros da parede, a mulher parecia um animal marinho deixado pela maré. Na mão esquerda apertava uma concha de plástico. O frigorífico estava pendurado mais acima, à altura dos armários. Era um daqueles frigoríficos de quiosque, de portas transparentes, que se põe no chão e se abre por cima, só que este

tinha sido ridiculamente pregado à parede com mísulas, seguindo a linha dos armários e com as portas para a frente. Oliver olhava para mim.

— Bom, já que vieste até aqui, agora faz alguma coisa.

Ouvi a cortina de plástico mover-se e o homem parou ao meu lado. Era muito mais pequeno do que parecia. Creio que o ultrapassava em quase três cabeças. Oliver acorara-se ao lado do corpo, mas não se decidia a tocar-lhe. Pensei que a gorda podia acordar a qualquer momento e começar a gritar. Afastou-lhe o cabelo da cara. Tinha os olhos fechados.

— Ajudem-me a virá-la — disse Oliver.

O tipo nem se mexeu. Aproximei-me e acorei-me do outro lado, mas mal a conseguimos mover.

— Não vai ajudar? — perguntei-lhe.

— Dá-me impressão — disse o desgraçado — que está morta.

Largámos imediatamente a gorda e ficámos a olhar para ela.

— Morta? Porque é que não disse que estava morta?

— Não tenho a certeza, dá-me a impressão...

— Disse que «lhe dá impressão» — disse Oliver —, não que «lhe dá a impressão».

— Dá-me impressão que me dê a impressão.

Oliver olhou para mim; a cara dele dizia qualquer coisa como «eu desfaço a tromba a este tipo».

Acorei-me e procurei o pulso na mão da concha. Quando Oliver se cansou de esperar por mim, pôs os dedos diante do nariz e da boca da mulher e disse:

— Esta está mortíssima, vamos embora.

E então sim, o desgraçado desesperou.

— Vão-se embora? Não, por favor. Não posso com ela sozinho.

Oliver abriu o frigorífico, tirou duas gasosas, deu-me uma e saiu da cozinha a praguejar. Segui-o. Abri a minha garrafa e julguei que o gás nunca mais fosse chegar à minha boca. Tinha-me esquecido da sede que tinha.

— E? O que é que tu achas? — disse Oliver. Respirei aliviado. De repente senti-me com menos dez anos e de melhor humor. — Caiu ou arrumou-a?

Ainda estávamos perto da cozinha e Oliver não baixava a voz.

— Não creio que tenha sido ele — disse em voz baixa —, precisa dela para chegar ao frigorífico, ou não?

— Chega lá sozinho...

— Achas mesmo que ele a matou?

— Pode usar uma escada, subir para a mesa, tem cinquenta cadeiras de bar... — disse, apontando à volta. Pareceu-me que falava alto de propósito pelo que baixei mais a voz.

— Sim, talvez seja um pobre coitado. Talvez seja realmente estúpido e agora fica sozinho com a gorda morta na cozinha.

— Queres que o adotemos? Carregamo-lo atrás e soltamo-lo quando chegarmos.

Bebi mais alguns tragos e fiquei a olhar para a cozinha. O infeliz estava parado diante da gorda e segurava um banco no ar, sem saber muito bem onde pô-lo. Oliver fez-me um sinal para nos voltarmos a aproximar. Vímo-lo deixar o banco de lado, pegar num braço da gorda e começar a puxar. Não conseguiu movê-la nem um centímetro. Descansou alguns segundos e voltou a tentar. Experimentou apoiar o banco sobre uma das pernas, um dos pés a tocar no joelho. Subiu e esticou-se o mais que pôde em direção ao frigorífico. Agora que a altura lhe chegava, o banco ficava demasiado longe. Quando rodou na nossa direção para descer, escondemo-nos e ficámos sentados no chão, encostados à parede. Surpreendeu-me que no balcão, por baixo da bancada, não houvesse nada. A prateleira, sim, e mais acima os armários de copos e pratos também estavam repletos, mas à nossa altura nada. Ouvimo-lo mexer o banco. Suspirar. Houve silêncio e esperámos. De repente espreitou por trás da cortina. Segurava uma faca com um gesto ameaçador mas, quando nos viu, pareceu aliviado e voltou a suspirar.

— Não chego ao frigorífico — disse.

Nem sequer nos levantámos.

— Não chega a nenhum lado — disse Oliver.

O tipo ficou a olhar para ele como se fosse Deus que estivesse de pé diante dele, para lhe fazer saber a razão pela qual estamos neste mundo. Deixou cair a faca e percorreu com o olhar a parte inferior da mesa, vazia. Oliver estava satisfeito: o tipo parecia ultrapassar os limites da estupidez.

– Vejamos, prepare-nos uma omeleta – disse Oliver.

O homem virou-se para a cozinha. O seu rosto imbecil de estupor refletia os utensílios, as caçarolas, quase toda a cozinha pendurada nas paredes ou sobre as prateleiras.

– OK, talvez seja melhor não – disse Oliver. – Faça umas sanduíches simples, tenho a certeza de que isso consegue fazer.

– Não – disse o tipo –, não chego à máquina das sanduíches.

– Não as toste, vejo que não posso pedir-lhe tanto. Traga só o fiambre, o queijo e um bocado de pão.

– Não, não – voltou a repetir negando com a cabeça; parecia envergonhado.

– OK. Então traga um copo com água.

Negou.

– Foda-se, como é que serviu este regimento? – disse Oliver apontando para as mesas.

– Preciso de pensar.

– Não precisa de pensar, aquilo de que precisa é de mais um metro de altura.

– Sem ela não consigo...

Pensei em trazer-lhe algo fresco, pensei que beber alguma coisa lhe faria bem, mas quando tentei levantar-me Oliver deteve-me.

– Tem de o fazer sozinho – disse –, tem de aprender.

– Oliver...

– Diga-me uma coisa que possa fazer, uma coisa, alguma coisa.

– Levo e trago a comida que me dão, limpo as mesas...

– Não parece – disse Oliver.

– ... posso misturar as saladas e temperá-las se ela me deixar tudo preparado em cima da bancada. Lavo os pratos, limpo o chão, sacudo...

– OK, OK. Já percebi.

Então o tipo fica a olhar para Oliver, como que surpreendido:

– Você... – disse –, você sim, chega ao frigorífico. Você podia cozinhar, alcançar-me as coisas.

– O que é que está a dizer? Ninguém lhe vai alcançar as coisas.



— Mas você podia trabalhar, tem altura — deu um passo tímido em direção a Oliver, coisa que a mim não me pareceu prudente. — Eu pagava-lhe.

Oliver virou-se para mim:

— Este imbecil está a gozar comigo! Está a gozar comigo.

— Tenho dinheiro. Quatrocentos por semana? Posso pagar-lhe. Quinhentos?

— Paga quinhentos por semana? Porque é que não tem um palácio nas traseiras? Este imbecil...

Levantei-me e pus-me de pé por trás de Oliver: ia bater-lhe a qualquer momento, acho que a única coisa que o detinha era a altura do tipo.

Vimo-lo cerrar os pequenos punhos como que compactando uma massa invisível que pouco a pouco se reduzia entre os seus dedos. Os braços começaram a tremer-lhe, ficou encarnado.

— O meu dinheiro não lhe diz respeito — disse.

Oliver voltou a fazer aquilo de olhar para mim sempre que o outro falava com ele, como se não pudesse acreditar no que estava a ouvir. Parecia diverti-lo, mas ninguém o conhece melhor do que eu; ninguém diz a Oliver o que deve fazer.

— E pela camioneta que tem — disse o tipo olhando para a estrada —, pela camioneta que tem parece-me que uso melhor o dinheiro do que você.

— Filho da puta — disse Oliver, e abalançou-se sobre ele.

Consegui segurá-lo. O tipo deu um passo atrás, sem medo, com uma dignidade que lhe dava mais um metro de altura, e esperou que Oliver se acalmasse. Soltei-o.

— OK — disse Oliver. — OK.

Ficou a olhar para ele; estava furioso, mas havia mais alguma coisa na sua calma contida, e então disse-lhe:

— Onde está o dinheiro?

Olhei para Oliver sem perceber.

— Vai roubar-me?

— Vou fazer o que me der na veneta, seu monte de merda!

— O que é que tu estás a fazer? — disse eu.

Oliver deu um passo, pegou no tipo pela camisa e ergueu-o no ar.

— Vamos, onde está o teu dinheiro?

A força com que Oliver o ergueu fê-lo oscilar um bocadinho para os lados. Mas ele olhava-o diretamente nos olhos, e não abria a boca.

Oliver soltou-o. O tipo caiu, ajeitou a camisa.

— OK — disse Oliver —, ou trazes o dinheiro ou parto-te a cara.

Levantou o punho bem cerrado e deixou-o a um centímetro do nariz do tipo.

— Está bem — disse o outro.

Deu um passo atrás, devagar, atravessou o balcão em sentido contrário ao da cozinha e desapareceu por uma porta.

— Imbecil — disse Oliver.

Aproximei-me dele para que não nos ouvisse:

— O que é que estás a fazer? Tem a mulher morta na cozinha, vamos embora.

— Viste o que ele disse da minha camioneta? O imbecil quer contratar-me, ser meu chefe, percebes?

Oliver começou a revistar as prateleiras do balcão, a correr garrafas, caixas, papéis.

— Este anormal deve ter o dinheiro por aqui.

— Oliver, vamos embora. Já te desforraste.

Encontrou uma caixa de madeira; era uma caixa velha com uma gravura manuscrita que dizia *Havanos*.

— A caixa é esta — disse Oliver.

— Agora vão-se embora — ouvimos.

O tipo estava parado no meio da sala e segurava uma espingarda de dois canos que apontava diretamente à cabeça de Oliver. Oliver escondeu a caixa atrás dele. O tipo puxou o cão da arma e disse:

— Um.

— Nós vamos — disse, agarrando o braço de Oliver e começando a andar. — Lamento, realmente lamento. E lamento também aquilo da sua mulher, eu...

Tinha de fazer força para que Oliver me seguisse, como as mães que puxam pelos miúdos caprichosos.

— Dois.

Passámos perto dele, a espingarda a um metro da cabeça de Oliver.

— Lamento — voltei a dizer.

Já estávamos perto da porta. Fiz sair Oliver primeiro para que o tipo não visse que levava a caixa.

— Três.

Larguei Oliver e corri para a camioneta. Não sei se ele teve medo ou não, mas não correu. Subiu para a camioneta, deixou a caixa em cima do assento, ligou o motor e saímos na direção da qual viéramos.

— Abre-a — disse.

— Oliver...

— Abre-a, paneleiro!

Peguei na caixa. Era leve e demasiado pequena para conter uma fortuna. Tinha uma chave trabalhada, como as dos cofres. Abria-a.

— O que é que tem? Quanto? Quanto?

— Guia! — disse eu. — Acho que são só papéis.

Oliver virava-se constantemente para espiar aquilo que eu inspecionava. Havia um nome gravado na tampa interior de madeira, dizia «Irman», e por baixo havia uma fotografia do tipo muito jovem, sentado numas malas num terminal; parecia feliz. Perguntei-me quem lhe teria tirado a fotografia. Também havia cartas que começavam com o seu nome: «Querido Irman», «Irman, meu amor», poemas assinados por ele, um rebuçado de mentol desfeito em pó e uma medalha de plástico para o melhor poeta do ano, com o logótipo de um clube social.

— Há dinheiro, sim ou não?

— São cartas — disse eu.

Com um movimento brusco, Oliver tirou-me a caixa e atirou-a pela janela.

— O que é que estás a fazer?

Virei-me um segundo para ver as coisas já espalhadas pelo asfalto, alguns papéis ainda a voar pelo ar.

— São cartas — disse ele.

E pouco depois:

— Olha... Devíamos ter parado aqui. «Leitão à discrição», leste?

O que é que custava?

E agitou-se, inquieto, no assento, como se realmente o lamentasse.

## MULHERES DESESPERADAS

Ao espreitar para a estrada, Felicidad compreende o seu destino. Ele não esperou por ela e, como se o passado fosse tangível, ela julga ver no horizonte o débil reflexo avermelhado das luzes traseiras do automóvel. Na escuridão plana do campo há apenas desilusão e um vestido de noiva.

Sentada numa pedra ao lado da porta da casa de banho, conclui que não devia ter demorado tanto, que as coisas talvez devessem ter acontecido mais depressa. Parece-lhe estranho estar ali, a tirar baguinhos de arroz do bordado do vestido, sem mais nada para além do campo, da estrada e de uma casa de banho para senhoras, perto da estrada.

Passa um tempo durante o qual Felicidad consegue tirar todos os baguinhos de arroz. Ainda não chora, absorta num choque de abandono, corrige as pregas do vestido, analisa as unhas e contempla, como quem espera o regresso, a estrada pela qual ele se afastou.

— Não voltam — diz Nené, e Felicidad grita espantada pelo susto como se aquela mulher que agora olha para ela fosse um espectro maligno.

— A estrada é uma merda — diz Nené que, habituada à histeria feminina, não faz caso dos gritos de Felicidad e, com movimentos descontraídos, acende um cigarro. — Uma merda, do pior.

Felicidad consegue controlar-se e, entre os restos do tremor, volta a compor as alças do vestido.

— O primeiro? — pergunta Nené e espera, sem apreço, que a coragem de Felicidad lhe permita parar de tremer, para olhar para ela com interrogação. — Pergunto-te se o tipo é o teu primeiro marido.

Felicidad consegue esboçar um sorriso forçado. Descobre em Nené o rosto velho e amargo de uma mulher que certamente foi muito mais

bonita do que ela. Entre as marcas de uma velhice prematura, conservam-se os olhos claros e uns lábios de dimensões perfeitas.

— Sim, o primeiro — diz Felicidad com aquela timidez que transporta o som para dentro.

Uma luz branca aparece na estrada, ilumina-as ao passar, e esfuma-se com o seu tom avermelhado.

— E agora? Vais ficar à espera dele? — pergunta Nené.

Felicidad olha para a estrada, para o lado pelo qual, se o marido regressasse, veria aparecer o carro, e não consegue responder.

— Olha, vou ser rápida porque isto não dá para mais. — Nené pisa o cigarro como que enfatizando as frases. — Cansam-se de esperar e deixam-te, parece que esperar os esgota.

Felicidad segue cuidadosamente o movimento repetitivo de um novo cigarro que a mulher aproxima da boca, do fumo que se mistura com a escuridão, dos lábios que mais uma vez apertam o cigarro.

— Então elas choram e esperam por eles... — continua Nené — e esperam por eles... E acima de todas as outras coisas, e durante todo o tempo, choram, choram e choram.

Felicidad deixa de seguir o percurso do cigarro. Quando mais precisa do apoio fraterno, quando só outra mulher poderia entender o que ela sente ao lado de uma casa de banho para senhoras, na estrada, depois de ter sido abandonada pelo seu recente esposo, só tem aquela mulher arrogante que antes falava com ela e agora lhe grita.

— E continuam a chorar e a chorar a cada hora, a cada minuto de todas as malditas noites!

Felicidad respira profundamente, os seus olhos enchem-se de lágrimas.

— E choram sem parar... E vou dizer-lhe uma coisa. Isto tem de acabar. Estamos cansadas, esgotadas, de ouvir as suas estúpidas desgraças. Nós, menina... Como é que disse que se chamava?

Felicidad quer dizer Felicidad, mas sabe que se abrir a boca só sairá o som de um pranto agora impossível de conter.

— Olá... chamava-se...?

Nesse momento o pranto é impossível de conter.

— Fe, li... — Felicidad tenta controlar-se e, embora não o consiga, termina a frase. — ... cidad.

— Bom Felicidad, dizia-lhe eu que nós não podemos continuar a suportar esta situação, isto tem de acabar, já é insustentável, Felicidad!

Depois de uma grande aspiração também ruidosa, o pranto volta a expandir-se e humedece todo o rosto de Felicidad, que treme ao respirar e nega com a cabeça.

— Não posso acreditar que... — Felicidad respira —, que me tenha...

Nené levanta-se. Esmaga na parede, com força, o cigarro que ainda não acabou, olha com desprezo para Felicidad e afasta-se.

— Que falta de consideração! — grita-lhe e, alguns segundos depois, levanta-se também ela e alcança-a campo adentro.

— Espere... Não se vá embora, escute...

Nené para e olha para ela.

— Cale-se — diz Nené e acende outro cigarro. — Cale-se, estou-lhe a dizer, e ouça.

Felicidad para de chorar e engole o que poderiam ser os começos de novas explosões de pena que se avizinham e aguardam impacientes.

Então há um momento de silêncio no qual Nené não sente alívio mas antes, ainda mais aflita e nervosa do que antes, diz:

— Bom, agora ouça. Sente-o? — Nené olha para o campo.

Agora Felicidad faz um verdadeiro silêncio e concentra-se.

— Chorou demais, agora tem de esperar que o ouvido se habitue. E... ouve?

Felicidad olha para o campo e inclina um pouco a cabeça. *Como os cães*, pensa Nené, e espera impaciente que Felicidad por fim compreenda.

— Choram... — diz Felicidad, em voz baixa, e quase com vergonha.

— Sim. Choram. Sim, choram! Choram toda a maldita noite!

Nené aponta para o seu próprio rosto.

— Não vês a minha cara? Quando é que dormimos? Nunca! Nunca! A única coisa que fazemos é ouvi-las todas as malditas noites. E não vamos mais suportar isso, está a ouvir?

Felicidad olha para ela, assustada. No campo, vozes e prantos de mulheres queixosas repetem os nomes dos seus maridos uma e outra vez.

— Foram todas abandonadas?

— E todas choram! — diz Nené.

Então gritam:

— Psicótica.

— Desgraçada, insensível.

E juntam-se outras vozes:

— Deixa-nos chorar, histérica.

Nené olha furiosa para todos os lados. Nervosa e ainda mais irritada do que antes, grita para o campo:

— E nós, mariquinhas...? E nós, que estamos cá há mais de quarenta anos, também abandonadas, e temos de ouvir os vossos lamentos estúpidos todas as malditas noites, hem? E nós?

Há um silêncio no qual Felicidad olha com espanto para Nené.

— Vai tomar um calmante! Louca!

Embora estejam campo adentro, veem que na estrada, à sua altura, uma luz branca se detém, diante da casa de banho.

— Outra — diz Nené e, como se este episódio fosse o último que consegue suportar, o seu corpo descontrai-se. Nené, esgotada, senta-se no chão.

— Outra? — pergunta Felicidad. — Outra mulher? Mas... vai abandoná-la? Está ali à espera dela...

Nené morde os lábios e nega. No campo, os gritos são cada vez menos amistosos.

— Vem, tontinha! Vejamos se vens e dás a cara...

— Vem agora que não estás com as tuas amiguinhas rebeldes...

— Sonsa!

Felicidad pega na mão de Nené e tenta levantá-la.

— Temos de fazer alguma coisa! Temos de avisar aquela pobre rapariga! — diz Felicidad.

Mas depois detém-se e fica em silêncio, porque Felicidad viu, como quem vê sem estar preparado, a imagem exata do seu penoso passado recente, o carro que se afasta sem que a mulher que saiu tenha tido oportunidade de voltar a entrar, e a forma como as luzes, antes brancas e brilhantes, agora avermelhadas, se afastam.

– Foi-se embora – diz Felicidad –, foi-se embora sem ela.

E como antes fizera Nené, deixa que o seu corpo caia no chão. Nené pousa a sua mão sobre a mão de Felicidad.

– É sempre assim, querida. É inevitável. Na estrada, pelo menos... sempre.

– Mas... – diz Felicidad.

– Sempre – diz Nené.

– Onde estás, tonta? Fala!

Felicidad olha para Nené e compreende quão maior é a tristeza daquela mulher comparada com a sua.

– Infeliz!

– Velha feia!

– Quando tu já cá estavas a chorar nós ainda saíamos com eles, desgraçada!

Algumas vozes param de gritar para se rirem.

– Deixem-na em paz! – diz Felicidad.

Aproxima-se de Nené e abraça-a como se abraça uma menina.

– Ai... que medo – diz uma das vozes –, com que então agora tens uma amiguinha...

– Eu não sou amiguinha de ninguém – diz Felicidad –, só estou a tentar ajudar...

– Ai... só está a tentar ajudar...

– Calem-se! – diz Nené, e ao fazê-lo agarra-se aos braços de Felicidad, como se precisasse de mais força para além da sua para enfrentar aquelas mulheres.

– Sabem porque é que a deixaram na estrada?

– Porque é uma morsa escanzelada!

– Não, deixaram-na porque... – riem –, porque enquanto ela experimentava o vestidinho de noiva, nós já nos deitávamos com o maridinho...

Todas se riem.

– Olhem, ali vem outra...

As vozes ouvem-se cada vez mais próximas. Torna-se difícil separar as que choram das que se riem.



Da casa de banho da estrada, a figura de uma mulher pequena avança a passo lento em direção a Nené e Felicidad.

– Rameira!

À medida que a mulher se aproxima descobrem a cara de horror de uma velha que pouco compreende. Vestida em tons dourados, deixa ver no seu decote a sensual renda negra de uma peça de roupa interior. De tempos a tempos, para e contempla a estrada. Já perto, antes de lhe conseguir perguntar alguma coisa, Felicidad adianta-se com a voz entrecortada pela angústia.

– Sempre. Na estrada sempre, avó.

A velha endireita a postura e olha indignada para a estrada.

– Mas como...?

Felicidad interrompe-a:

– Não chore, por favor...

– Mas não pode ser... — diz a velha e, com a desilusão, da sua mão cai a certidão de casamento.

Olha com desprezo para a estrada pela qual o carro partiu e diz «desavergonhado, velho impotente»...

– Vem cá, tonta!

– Porque é que não se calam, catatuas? — grita Nené.

A velha olha para ela com espanto.

– Gralhas! — Nené insiste e levanta-se com violência.

– Vamos apanhar-te, víbora!

Em busca de compreensão, a velha olha para Felicidad que, à semelhança de Nené, se levantou e estuda com angústia a escuridão do campo.

– Mostra a cara, anda. — As vozes das mulheres ouvem-se cada vez mais próximas.

Felicidad e Nené entreolham-se. Debaixo dos pés sentem o tremor de um campo pelo qual avançam centenas de mulheres desesperadas.

– O que é que está a acontecer? — pergunta a velha —, o que são estas vozes, o que é que querem?

Ela acocora-se, pega na certidão e, tal como Felicidad e Nené, retrocede em direção à estrada, sem se virar para trás, sem perder de vista

a massa negra da escuridão do campo que parece aproximar-se delas cada vez mais.

– Quantas são...? – pergunta Felicidad.

– Muitas – diz Nené –, demasiadas.

Os comentários e os insultos são tantos e tão próximos que é inútil responder ou tentar chegar a um acordo.

– O que é que fazemos? – diz Felicidad.

No tom da sua voz, os sinais do pranto contido. Retrocedem cada vez mais depressa.

– Que não te passe pela cabeça chorar – diz Nené.

A velha dá o braço a Felicidad, agarra-se ao vestido de noiva e apanha-o com as suas mãos nervosas.

– Não se assuste, avó, está tudo bem – diz Felicidad, mas a chacota é já tão forte que a velha não consegue ouvir.

Na estrada, ao longe, um ponto branco cresce como uma nova luz de esperança. Talvez Felicidad pense agora, pela última vez, no amor. Talvez pense para si mesma: que não a deixe, que não a abandone.

– Que sim, para entrarmos – grita Nené.

– O que é que ela diz? – pergunta a velha.

Já estão perto da casa de banho.

– Que, se o carro parar... – diz Felicidad.

– Como? – insiste a velha.

O burburinho avança sobre elas. Não as veem, mas sabem que as mulheres estão ali, a poucos metros. Felicidad grita. Qualquer coisa como mãos, pensa, roça-lhe as pernas, o pescoço, a ponta dos dedos. Felicidad grita e não entende as ordens de Nené, que se afastou e lhe faz sinal para agarrar na velha e correr. O carro para diante da casa de banho. Nené volta-se na direção de Felicidad e ordena-lhe que avance, que arraste a velha. Mas é a velha quem reage e arrasta Felicidad na direção de Nené, que espera que a mulher saia para se sentar ela e obrigar o homem a conduzir.

– Não me larguem, não me larguem – grita Felicidad enquanto afasta, desesperada, as últimas mãos que a retêm.

A velha empurra. Mais uma vez, deixou cair a certidão de casamento e agora puxa por Felicidad com todas as suas forças, porque *já nada*

*importa, pensa, nem a certidão, nem a renda, nem o pouco amor que julgou ter conseguido.*

Nené espera ansiosa que a porta se abra, que a mulher saia. *Ela sabe, pensa Nené, sabe e não sai.* Mas quem sai é ele. Com as luzes a recortar o caminho, ainda não viu as mulheres e sai apressado, procurando nas calças a presilha com que abrirá a braguilha. Então o barulho aumenta. Os risos e a chacota esquecem-se de Nené e dirigem-se pura e exclusivamente para ele. Chegam aos seus ouvidos. Nos olhos do homem, o terror de um coelho diante das feras. Para mas já é tarde. Nené entrou no carro. Abre a porta de trás, pela qual entram agora Felicidad e a velha, e ao mesmo tempo segura a mulher que a olha com espanto e tenta escapar.

– Segurem-na – diz Nené, e solta a mulher para a deixar nas mãos da velha que, sem fazer perguntas, obedece à ordem.

– Se quiser sair, deixem-na – diz Felicidad. Talvez eles gostem um do outro e nós não temos nada que nos meter.

A mulher consegue escapar à velha mas não sai, diz o que é que querem, de onde vêm, uma pergunta atrás da outra, até que Nené lhe abre a porta e, com um gesto, lhe dá oportunidade de sair.

– Sai, rápido – diz-lhe.

No carro, ouvem-se os gritos das mulheres e diante delas permanece, descolada da escuridão pelas luzes do carro, a figura imóvel e aterrada de um homem que já não pensa na coisa em que pensara pouco tempo antes.

– Não saio nada – diz a mulher.

Olha para o homem sem apreço e depois para Nené.

– Arranca antes que ele volte – diz, trancando a porta do seu lado.

Nené liga o motor. O homem ouve o automóvel e volta-se.

– Arranca! – grita a mulher.

A velha aplaude, nervosa, diz «dá-lhe, mulher» e aperta com firmeza a mão de Felicidad que, com espanto, olha para o homem que se aproxima. Com as duas rodas laterais fora da estrada, o carro patina sobre a lama. Nené manobra o motor descontrolado e por um momento os faróis do carro iluminam o campo. Mas o que nessa altura se vê não

é exatamente o campo: a luz do carro perde-se na imensidão da noite mas é suficiente para distinguir na escuridão a massa descomunal de centenas e centenas de mulheres que correm para o carro, ou, melhor dizendo, para o homem que, entre elas e a multidão, aguarda imóvel a sua chegada, tal como se espera a morte.

Uma pisadela da mulher sobre o pé de Nené ativa o acelerador e, com a imagem das mulheres já sobre o homem, Nené consegue fazer o carro regressar à estrada. O motor esconde os gritos e a chacota e em pouco tempo tudo é silêncio e escuridão.

A mulher acomoda-se no assento.

— Nunca gostei dele — diz a mulher —, quando saiu, pensei em pegar no volante e deixá-lo na estrada, mas não sei, o instinto maternal...

Nenhuma das mulheres lhe presta atenção. Todas, incluindo ela agora, preferem ver o pequeno espaço da estrada que as luzes desenham e permanecer em silêncio. É então que acontece.

— Não pode ser — diz Nené.

Diante delas, ao longe, o horizonte começa a iluminar-se com pequenos pares de luzes brancas.

— O quê? — diz a velha. — O que é que se passa?

A mulher permanece em silêncio e olha fixamente para Nené, como se esperasse dela a resposta.

Os pares de luzes crescem, avançam depressa para elas. Felicidad espregueada entre os bancos da frente.

— Voltam — diz, sorri e olha para Nené.

Na estrada, Nené contempla os primeiros pares de luzes que passam, já como carros, perto delas, e os muitos outros que se vão aproximando. Acende um cigarro e repara, por trás do seu assento, nos movimentos alegres de Felicidad.

— São eles — diz Felicidad —, arrependeram-se e voltam para as ir buscar.

— Não — diz Nené, soltando uma baforada de fumo, e acrescenta:

— Voltam por ele.

«Se bateres muito com a cabeça de alguém no asfalto – mesmo que seja para a obrigar a ser razoável –, é provável que acabes por lamentá-lo. Esta foi uma coisa que a minha mãe me ensinou desde o princípio, no dia em que bati com a cabeça de Fredo no chão do pátio do colégio.»

Em *Pássaros na Boca*, antologia de contos galardoados com o prémio Casa de las Americas, reúnem-se dezoito histórias onde, tal como num filme de Lynch ou num pesadelo de Kafka, o insólito e o grotesco irrompem com violência na normalidade do quotidiano, deixando à sua mercê personagens e leitores.

É este o mundo de Samanta Schweblin, um território privado que nos obriga a participar ativamente no desvendar dos enigmas que servem de chão ao conto e a sermos espetadores do teatro das relações humanas.

«Uma das vozes mais prometedoras da atual literatura de língua espanhola.»

Mario Vargas Llosa, Prémio Nobel de Literatura

«Samanta Schweblin encontrou a forma de agitar e desestabilizar o mundo físico.»

*Los Angeles Times*

